



<b>CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO</b>	
<b>Depoimento n°: 013</b>	<b>Data: 04/06/2018</b>
<b>Local: Câmara dos Deputados</b>	<b>Duração: 51min</b>
<b>COLABORADOR</b>	
<b>MYRNA LOPES PEREIRA - Assistente de Nível Superior e Secretária Substituta na Comissão de Sistematização.</b>	
<b>SUMÁRIO</b>	
<b>Depoimento sobre a Assembleia Nacional Constituinte de 1987 e 1988 para o acervo de depoimentos do Núcleo de História Oral do Centro de Documentação e Informação — CEDI.</b>	
<b>TÓPICOS</b>	
1. Infância em Brasília; 2. O sonho do concurso da Câmara; 3. A base da Comissão de Sistematização; 4. O trabalho na Comissão Mista do Orçamento; 5. O lugar das decisões; 6. O <i>lobby</i> das mulheres; 7. A presidência da Comissão de Sistematização; 8. A secretaria da Comissão de Sistematização; 9. O trabalho com os destaques; 10. Antes da Constituinte; 11. A Comissão de Sistematização em paralelo às comissões temáticas; 12. Ausência de preparação; 13. O pagamento de gratificação; 14. O ambiente de trabalho; 15. Das comissões temáticas para a Comissão de Sistematização: a extensão da Constituição; 16. O Centrão; 17. A artigo mais importante da Constituinte; 18. A extensão da Constituição; 19. A Comissão de Notáveis; 20. A Câmara ontem e hoje; 21. A influência da Constituinte na vida profissional na Câmara; 22. A memória da Constituinte.	

## **1. Infância em Brasília**

Nasci no Rio de Janeiro. Vim para Brasília quando se transferiu a Câmara. Sou de 1958. Eu nem tinha 2 anos. Em abril de 1960, a gente veio para cá, porque meu pai era funcionário da Câmara e veio transferido. Veio todo mundo. Minha mãe também era de órgão federal, do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (Ipase). Aí, veio todo mundo transferido.

Morava na SQS 108 até me casar. Foi muito bom, porque se podia tudo. Não havia essa coisa de violência. Era ali que você estudava. Primeiro, estudei no jardim dentro da quadra; depois, na escola-classe dentro da quadra e na escola-parque da



SQS 308. Foi muito bom. O clube<sup>1</sup> estava ao lado. Criança andava para cima e para baixo o tempo inteiro. A coisa não era como hoje, quando as crianças não podem ir a lugar nenhum sem um adulto junto. A gente, não; a gente caminhava por tudo que é canto.

## **2. O sonho do concurso da Câmara**

Comecei a trabalhar em 1979, no Ministério das Comunicações. Trabalhava na secretaria de assessoramento do diretor-geral do departamento, que era um militar, um coronel. Foi bom lá também. Passei 5 ou 6 anos lá e, depois, fui para a Empresa de Portos do Brasil (Portobrás). Nisso já tinha feito o concurso para a Câmara. Tinha feito em 1981 o concurso para a Câmara. Fiquei esperando ser chamada. Entrei em 1985. Quando estava na Portobrás, todo mundo dizia: *“Ah, é louca de sair da Portobrás!”* Eu falei: *“Não, meu filho, é meu sonho dourado. Você não entende”*. Sempre quis trabalhar na Câmara por causa do meu pai. A vida da gente era aqui dentro, mesmo criança. A gente vinha. O Departamento Médico era no 2º andar do edifício grandão. Meu pai trabalhava nas Comissões de Inquérito. Então, a gente andava muito aqui dentro. Era um sonho mesmo.

## **3. A base da Comissão de Sistematização**

Quando entrei, meu pai trabalhava na Coordenação de Apoio Parlamentar (Cap), que era ligada aos parlamentares, e tenho pânico daquele Anexo I. Tenho pavor daquilo ali. Também não queria trabalhar onde meu pai estivesse. Eu falei assim: *“Ah, tem o Departamento de Comissões! Então, é para lá que eu vou mesmo”*. Graças as Deus que eu fui para a área-fim, que é a área legislativa. Não fiquei na área administrativa. Fui lotada no Departamento de Comissões (Decom).

O Deputado Ralph Biasi<sup>2</sup> tinha sido Presidente da Comissão de Economia — eu tinha acabado de entrar na Câmara — e, um tempo depois, foi Presidente de novo. Havia nessa Comissão um pessoal muito antigo, que já estava ali há muitos anos. Quando ele entrou, falou: *“Tira todo mundo dessa Comissão. Parece que aqui*

<sup>1</sup> Clube Social de Unidade Vizinhança nº 1. V. <https://www.clubevizinhanca.com.br/historia>

<sup>2</sup> Ralph Biasi (1947-2017). Deputado Federal - 1979-1983, SP, MDB; Deputado Federal - 1983-1987; 1987-1991, SP, PMDB. Ministro da Ciência e da Tecnologia 1988 -1989



*é uma seita. Eu não quero. Eu quero pessoas novas*”. Aí, como tinha acabado de entrar, fui para lá. A Maria Laura Coutinho era do Centro de Documentação e Informação (Cedi) — ela era bibliotecária —, foi para lá. A Hilda<sup>3</sup>, também bibliotecária, era daqui, foi para lá. Então, dessa Comissão, criou-se a Comissão de Sistematização na Constituinte. As pessoas vieram. O miolo era essa Comissão, era o pessoal da Comissão de Economia.

A gente fez um trabalho bem bacana lá na Comissão de Economia. Os plenários da Câmara eram ligados pelas comissões, mas o fundo era armário de fora a fora. A gente quis pegar a história da Comissão de Economia. Ali dentro estavam, jogados, todos os Diários Oficiais, inclusive do Rio, coisa do Rio de Janeiro. Pela Taquigrafia e Arquivo, a gente começou a levantar a história da Comissão. Como havia duas bibliotecárias — eu acho que também foi isso —, houve uma forma sistemática de trabalho. É por isso que a Maria Laura foi convidada para ser Secretária da Comissão de Sistematização. Como estávamos junto com ela, ficamos todos. E, cada vez que terminava o trabalho de uma comissão temática, algumas pessoas dessas comissões iam para a Comissão de Sistematização.

#### **4. O trabalho na Comissão Mista do Orçamento**

Foi a mesma coisa da Comissão de Sistematização. A Comissão Mista de Orçamento teve início logo que acabou a Constituinte. Ela foi criada pela Constituição. Quando acabou a Constituinte, a Maria Laura e a Hilda foram chamadas para a Comissão Mista de Orçamento, só que a Laura também foi chamada por um Líder e foi para uma Liderança. A Hilda foi para a Comissão de Orçamento e chamou quem trabalhou com ela mais de perto — e eu havia trabalhado — para compor essa Comissão. Estive lá desde o começo.

Depois a Hilda foi chamada para assumir a Comissão que era do Ruy<sup>4</sup>, a de Justiça, e eu — acho que em 1991 — fiquei como Secretária da Comissão de Orçamento até me aposentar, em 2011. O trabalho na Comissão era louco. De certa

---

<sup>3</sup> Hilda de Sena Correa Wiederhecker.

<sup>4</sup> Ruy Omar Prudêncio da Silva



forma, havia uma coisa como na Constituinte: não tínhamos horário. Já passei 48 horas aqui dentro, virando noite por conta de Orçamento. Era assim.

Depois houve a CPI do Orçamento, que foi terrível. Um deputado do PT — o Mercadante<sup>5</sup> ou o Vigilante<sup>6</sup> — pediu que fosse quebrado o sigilo dos funcionários da Comissão. Eu achei aquilo um abuso, um absurdo. Fui ao Diretor-Geral, que era o Sabino<sup>7</sup>, e falei: *“Eu acho um abuso um negócio desse. Não temos contato com nada. Não que tenhamos algo a esconder, está aí o sigilo, mas acho um abuso”*. Ele disse: *“Não, não vão quebrar o sigilo de nenhum funcionário”*. E, realmente, isso não aconteceu.

Durante um tempo, ficou ruim trabalhar na Comissão de Orçamento, porque todo mundo desconfiava de todo mundo. Depois, fomos nos impondo pelo trabalho mesmo e, por conta disso, acho que passamos a ser uma equipe muito respeitada dentro Câmara e passamos incólumes por isso. Houve funcionário envolvido — o José Carlos<sup>8</sup>, do Senado —, mas passamos incólumes por isso.

O ritmo também era o da Constituinte. As comissões paravam de funcionar, e estávamos virando e virando. Ninguém queria ir para lá, porque não havia um horário certo para trabalhar. Nós estávamos lá e dávamos conta. Como sempre disse, éramos uma equipe: se por algum motivo um funcionário saísse ou não viesse, todo mundo o cobria. Ninguém queria ir para a Comissão de Orçamento por conta dessa falta de previsibilidade de horário.

Nós trabalhávamos muito. O José Carlos, que era funcionário do Senado, meio que tomou conta da Comissão de Orçamento quando ela foi criada, junto com o Deputado Cid Carvalho<sup>9</sup>, que era o Presidente, e o Deputado João Alves<sup>10</sup>, que era o Relator. Ele botou tudo do Senado. Só que, como era uma Comissão muito

---

<sup>5</sup> Aloizio Mercadante Oliva. Deputado Federal - 1991-1995; 1999-2003, SP, PT. Senador – SP, 2003-2011. Ministro da Ciência e Tecnologia e Inovação (2011-2012). Ministro da Educação (2012-2014; 2015-2016). Ministro-chefe da Casa Civil (2014-2015).

<sup>6</sup> Francisco Domingos dos Santos/ Chico Vigilante. Deputado Federal - 1991-1995; 1995-1999, DF, PT.

<sup>7</sup> Ademar Silveira Sabino. Diretor-Geral da Câmara dos Deputados.

<sup>8</sup> José Carlos Alves dos Santos, servidor do Senado Federal, chefe da assessoria técnica da Comissão do Orçamento do Congresso

<sup>9</sup> Cid Rojas Américo de Carvalho (1923-2004). Deputado Federal - 1955-1959; 1959-1963; 1963-1967, MA, PSD; Deputado Federal - 1967-1971; 1983-1987; 1987-1991; 1991-1994; MA, MDB.

<sup>10</sup> João Alves de Almeida (1919-2004). Deputado Federal - BA (1963-1983; 1987; 1987-1988; 1987-1991; 1991-1994).



---

grande, ela não cabia no Senado. Então, ficou nas dependências da Câmara. Quando houve a CPI, tudo era manual ainda. Quando terminou com a coisa do José Carlos, ele foi tirado. O Deputado Inocêncio Oliveira<sup>11</sup> disse que jamais essa Comissão sairia da Câmara, o que nos deu mais suporte. Aí a Câmara começou a trabalhar com o Senado. Trabalhamos muito com o Prodasen.

## 5. O lugar das decisões

As reuniões eram só para parlamentar, a parte política mesmo, os servidores não participavam. Lembro que, no fim do corredor — hoje seria no começo —, por trás, havia a Liderança do Governo. Lembro que as coisas aconteciam naquele lugar. As decisões eram tomadas no gabinete concorridíssimo do Nelson Jobim<sup>12</sup>. Disso me lembro bem.

## 6. O *lobby* das mulheres

Nós, os servidores, não sofriamos *lobby*. Éramos mais preservados. Acho que não houve isso. Não influíamos muito, eu acho. Depois do que eu vivi na Comissão de Orçamento, eu não me lembro de ter ocorrido *lobby*. Na Comissão de Orçamento isso era muito forte.

Sobre o “*lobby* do batom”<sup>13</sup>, se eu não me engano, havia uma Comissão, a de Minorias, onde a questão da mulher foi discutida. Quando veio para a de Comissão de Sistematização, acho que ainda ficou muito a dever o que achávamos que ia acontecer, e daí as mulheres tomaram mesmo a frente. As Comissões da Câmara eram basicamente secretariadas por mulheres. As da Câmara! Elas ficavam nessas comissões temáticas e, quando terminavam, elas iam para a de Sistematização. Imagina quantas mulheres foram para lá! Foram muitas mulheres. Entre os funcionários, a quantidade de mulheres era muito maior do que a de homens.

---

<sup>11</sup> Inocêncio Gomes de Oliveira - Deputado Federal - 1975-1979; 1979-1983, PE, ARENA. Deputado Federal - 1983-1987, PE, PDS. Deputado Federal - 1987-1991; 1991-1995; 1995-1999; 1999-2003; 2003-2007, PE, PFL. Deputado Federal, 2007-2011, PE, PL. Deputado Federal, 2011-2015, PE, PR. Presidente da Câmara dos Deputados - 1993-1994.

<sup>12</sup> Nelson Azevedo Jobim. Deputado Federal – RS (1987-1991, 1991-1995). Ministro da justiça (1995-1997). Ministro do Supremo Tribunal Federal (1997-2006). Ministro da Defesa (2007-2011). Relator-adjunto da Comissão de Sistematização.

<sup>13</sup> V. Sistematização curva-se ao lobby feminino. *Correio Braziliense*, 26 de agosto de 1987, p. 7.



## 7. A presidência da Comissão de Sistematização

O Senador Afonso Arinos<sup>14</sup> era mais simbólico, era uma simbologia. Ele não aguentava o tranco. Era muito velhinho, e a Comissão era mais presidida pelos vices. O gabinete era enorme, e ele recebia muitas autoridades. Acho que ele fazia mais essa parte de receber autoridades. Lembro que o Collor<sup>15</sup> era governador de Alagoas, queria se lançar e foi lá conversar com o Afonso Arinos. Não sei exatamente o que eles conversaram, mas lembro que, quando ele foi, houve uma confusão, porque ele era novo, todo bonitão. Ele é uma pessoa que lembro bem, porque faz as coisas com muita badalação.

## 8. A secretaria da Comissão de Sistematização

Na verdade, os parlamentares que ficavam na Comissão de Sistematização tinham, como hoje, a equipe deles. As secretárias da Comissão atendiam mais no plenário. Seria o que fazem hoje os secretários de comissão da Câmara.

Na Comissão, era tudo muito grandioso! Havia um ou dois plenários que encheram de estantes para a arrumação dos destaques, porque era muita coisa. Nós já chegávamos e íamos direto para esse lugar, todo mundo, inclusive o Ruy. Havia uma parte onde ficavam os secretários que foram secretários das comissões, que ficavam classificando o texto do relatório do Bernardo Cabral<sup>16</sup>, vendo qual era o tipo de emenda em relação ao texto. Eles iam classificando e nós íamos ajudando nessa classificação.

O Paulo Afonso<sup>17</sup> era extremamente exigente. Sobrou muita bronca: *“Errou a ordem. Errou a classificação. Essa classificação está errada. Coloca como substitutiva. Não é substitutiva, é modificativa. Vocês têm que prestar atenção no*

---

<sup>14</sup> Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990). Deputado Federal, MG, 1947-1959; Senador, DF, 1959-1961; Ministro Relações Exteriores, 1961; Senador, GB, 1961-1962; Ministro Relações Exteriores, 1962; Senador, GB, 1962-1967; Senador, RJ, 1987-1990; Constituinte, 1987-1988. Presidente da Comissão de Sistematização.

<sup>15</sup> Fernando Collor de Mello. Deputado Federal – AL, 1983-1987; Governador – AL, 1987-1989; Presidente do Brasil – 1990-1992; Senador – AL, 2007-2015; 2015-2023.

<sup>16</sup> José Bernardo Cabral (1932-). Deputado Federal – AM (1967-1969; 1987-1991). Ministro da Justiça (1990-1990); Senador – AM (1995-2003). Relator da Constituinte.

<sup>17</sup> Paulo Afonso Martins de Oliveira (1927-2005). Secretário-Geral da Mesa da Câmara dos Deputados (1965-1988). Ministro do TCU (1988-1997).



*que estão fazendo*”. Com o Mozart<sup>18</sup> era mais fácil de lidar do que com ele. Ele não era uma pessoa muito fácil. Era muito ligado ao Dr. Ulysses<sup>19</sup>. Nós tínhamos até medo de chegar perto dele. Mas a filha do Paulo Afonso também trabalhava conosco.

Na divisão do trabalho, a Laura ficava com o Mozart lá dentro. Eu e a Hilda ficávamos mais para apagar incêndio, ver o que estava acontecendo e fazer essa ponte para levar a ela os problemas. Ela os levava ao Dr. Paulo Afonso para ver como seriam resolvidos. Numa eventualidade em que ela não pudesse estar, eu ficava como assistente da Hilda. Se a Laura não estava, a Hilda passava a ser a Secretária da Comissão.

Vou contar algo que aconteceu na Constituinte. Na frente do plenário havia um relógio porque tinha que parar à meia-noite. E, quando estavam votando não sei o quê, a Hilda, que estava com um cachecol ou alguma coisa vermelha, disse: *“Já é meia-noite.”* O Deputado Arnaldo Faria de Sá<sup>20</sup> disse: *“Essa senhora que está aí, de vermelho, não tem que se meter em nada, porque isso aqui é uma coisa de deputado e tal”*. Ela estava dizendo que já tinha dado meia-noite, e tinha que acabar. Acho que o horário era meia-noite. E ela levou uma bronca: *“A senhora que está ali de amarelo ou de vermelho. Essa senhora aí”*. Ela estava como Secretária da Comissão. Havia também aquele Gerson Peres<sup>21</sup>, que não perdoava, não. Era bom trabalhar nos bastidores. No plenário, não era muito bom.

## 9. O trabalho com os destaques

O que mais me marcou no trabalho durante a Constituinte foi o trabalho dos destaques, que era o coração da votação do relatório da Comissão. Nós estávamos na Comissão de Sistematização, mas trabalhando já para o plenário. Era muita

<sup>18</sup> Mozart Vianna de Paiva. Supervisor do grupo de apoio aos trabalhos da Constituinte.

<sup>19</sup> Ulysses Silveira Guimarães (1916-1992). Deputado Federal, 1951-1955; 1955-1959; 1959-1963; 1963-1967. Deputado Federal, 1967-1971; 1971-1975; 1975-1979; 1979-1983; 1983-1987; 1987-1991; 1991-1995; SP. Foi Presidente da Câmara dos Deputados de 11.mar.1956 a 11.mar.1958, 1985-1986, 1987-1988.

<sup>20</sup> Arnaldo Faria de Sá. Deputado Federal, 1987-1991, SP, PTB; Deputado Federal, 1991-1995, SP, PRN; Deputado Federal, 1995-1999, SP, PPR; Deputado Federal, 1999-2003, SP, PPB; Deputado Federal, 2003-2007, SP, PTB; Deputado Federal, 2007-2011; 2011-2015; 2015-2019.

<sup>21</sup> Gerson dos Santos Peres. Deputado Federal - 1983-1987; 1987-1991; 1991-1995, PA, PDS. Deputado Federal - 1995-1999, PA, PPR. Deputado Federal - 1999-2003, PA, PPB. Deputado Federal - 2007-2011.



coisa. Os parlamentares eram mais envolvidos, de modo geral, com as técnicas, com as regras regimentais. Eles sabiam. Eles reclamavam sabendo do que estavam reclamando. Nós tínhamos que ter muito cuidado, porque, se errássemos e ficasse como se a Mesa tivesse apresentado... O fato de voltar atrás dava uma quizumba, uma confusão, porque ali havia vários fatores que interessavam a uma parte ou outra. Por isso que, de vez em quando, levávamos uma bronca. Precisávamos ter muito cuidado com essa arrumação, para a Mesa não ter que se retratar a toda hora. Quem trabalhou nas Comissões temáticas não necessariamente foi até o fim, mas eu trabalhei do começo ao fim e vi a importância desse trabalho. Como foi importante! Estava praticamente o Decom inteiro trabalhando naquilo ali. Isso é uma das coisas de que mais me lembro.

#### **10. Antes da Constituinte**

Quando se começou a falar de Constituinte, nós ficamos com medo, pois sabíamos que o Departamento de Comissões que ia sentir. Mas, o que íamos fazer? Íamos ser jogados de lado? Para onde iríamos? *“Sai da sua sala, entrega a sala”*. A Comissão de Sistematização ia para outro lugar. A Comissão de Economia tinha que sair para entrar uma dessas temáticas. Era muita mudança.

#### **11. A Comissão de Sistematização em paralelo às comissões temáticas**

O Bernardo Cabral já havia sido escolhido e já tinha começado um trabalho de pesquisa com as servidoras que eram bibliotecárias. Esse trabalho, para nós, foi um ensinamento, porque ele demandava pesquisas. Aprendi como trabalhar com a organização de um bibliotecário. Fica tudo tão mais fácil! Por exemplo, ele pegava o parecer do relator de uma comissão, e nós, a consultoria legislativa, já tínhamos que destrinchá-lo para ele já ir fazendo essa sistematização. Ele já sabia bem como sistematizar aquilo tudo. Nós trabalhamos, desde o começo, por conta do Bernardo Cabral.

#### **12. Ausência de preparação**

Não tivemos preparação como servidor para trabalhar. Nem sei como foi essa coisa da Constituinte. Não lembro se foi a Câmara que aprovou. Acho que foi o





---

Sarney<sup>22</sup> que mandou. De repente, falaram: “Olha, o *Departamento de Comissões vai virar a Constituinte.*” “Ah, tá! E isso quer dizer exatamente o quê? O que nós temos que fazer?” Chamaram os secretários das comissões e disseram: “*Laura, você é a Secretária da Sistematização*”. A Maria Laura Coutinho arrumou a equipe dela, e pronto! Não houve nada, zero, de preparação.

### **13. O pagamento de gratificação**

A gente recebia uma gratificação para trabalhar na Constituinte. Como trabalhei do começo ao fim, tive gratificação do começo ao fim. O pessoal das comissões que iam acabando e que não ia para a Comissão de Sistematização perdia a gratificação. Isso era um bochicho! Era um ti-ti-ti! Mas era uma boa gratificação, sim.

### **14. O ambiente de trabalho**

O ambiente era muito bom. Por conta disso, do ambiente de trabalho, que era muito bom, deu para aguentar mais o tranco. Todo mundo tinha certeza de que cada um era responsável por uma parte daquela coisa grandiosa que iria sair dali. Então, todo mundo se entregava completamente. Não havia disputa entre um e outro. Todo mundo se completava para que saísse o melhor. É difícil você juntar um monte de gente. Como não havia essa picuinha, o ambiente era muito bom para trabalhar.

### **15. Das comissões temáticas para a Comissão de Sistematização: a extensão da Constituição**

Os debates mais acirrados acho que ocorreram nas comissões, cada um cuidando do seu pedacinho. Como estávamos trabalhando, não participávamos, não víamos. Nós vimos depois, quando juntou todo, e aquele mesmo grupo vinha, mas já sabia que era mais difícil mudar uma coisa ou outra.

---

<sup>22</sup> José Sarney de Araújo Costa, nascido José Ribamar Ferreira de Araújo Costa. Deputado Federal, MA, 1956, 1957; 1959-1966. Governador, MA, 1966-1970. Senador, MA, 1971-1985. Presidente da República, 1985-1990. Senador, AP, 1991-2015.



Quando o relator de uma comissão apresentava um relatório, o pessoal da Consultoria Legislativa já tinha que pegá-lo e passar para o Bernardo Cabral. Não lembro quantas comissões temáticas eram — talvez umas 10<sup>23</sup> —, e todo mundo quer ver o seu interesse contemplado. Eu que vou dizer que você está fora? Por isso a Constituição ficou um Frankenstein. O Relator foi juntando tudo e depois teve que racionalizar: *“Não, não dá para ser desse jeito”*. Depois que apresentou a primeira versão, houve muita pancada, muita reclamação. O sentimento que tenho hoje é que, puxa vida, era difícil mesmo fazer aquilo ali que foi feito. Depois ele apresentou o segundo anteprojeto, acho que já foi aprendendo. Na verdade, o pessoal teve que aprender no meio do caminho. Parlamentares, nós da Consultoria, todo mundo foi aprendendo fazendo. Acho que foi isso. Por isso ficou esse Frankenstein. Depois veio o outro, que já foi mais palatável.

## **16. O Centrão**

Não posso falar de parlamentar, mas era difícil. Por mais que você seja funcionário, você é um cidadão. Tudo que você negava aquele tal de Centrão aprovava. Era o que eles queriam. Então, era difícil. Para nós, como funcionários, não era difícil, mas você não tem como se despir do cidadão que você é.

## **17. O artigo mais importante da Constituinte**

Há momentos em que o art. 5º, dos Direitos e Garantias Fundamentais, é para o bem ou para o mal. Ele quer abrange um mundo. Tudo que se pensar na vida cabe ali. Mas eu o considero o mais importante. Acho que podia ser enxugado, mas, enquanto cidadã, penso que ele abrange tudo. O resto eu acho que cabe ao Legislativo, na parte do orçamento, ao Judiciário... Naquele artigo, não; ele é referente ao cidadão mesmo.

## **18. A extensão da Constituição**

Trabalhei tempo suficiente aqui para dizer que tudo que está escrito ali pode ser aquilo, mas pode ser muito mais do que aquilo e pode ser algo diferente daquilo.

---

<sup>23</sup> A Assembleia Nacional Constituinte teve 24 Subcomissões Temáticas, agrupadas em 8 Comissões Temáticas.



Acho que sempre deixa um salvo: “*Salvo...*”. A Constituição tem uns 200 artigos — não sei quantos artigos são. E quantas emendas ela já tem? Eu a acho muito grande mesmo. Acho que não havia essa necessidade. A possibilidade de interpretação é algo impressionante, falando em termos de foco, mesmo com tantos detalhes. Mesmo com isso. Essa era uma reclamação. Ela era uma Constituição, e, então, tinha que ser mais enxuta. Na verdade, teria que dar só os princípios, e as leis complementares e ordinárias — ou seja, a legislação infraconstitucional — dariam os parâmetros, detalhariam aquilo que foi colocado lá. Mas ela não foi assim, continua não sendo, e acho que não será, haja vista as emendas constitucionais que existem hoje. Como cidadã e pelo que aprendi trabalhando aqui, penso que, mesmo que haja outra Constituinte, ela vai ser aquilo ou um pouco mais do que aquilo. Nunca vai ser como a dos Estados Unidos, em que só há regras básicas.

#### **19. A Comissão de Notáveis**

Houve a Comissão dos Notáveis que fez um anteprojeto, mas o Legislativo era muito cioso das suas prerrogativas. Pode ter pegado uma coisa ali, outra aqui, mas tinha que fazer algo genuíno, que saísse daqui mesmo. É difícil ver isso hoje, mas o Legislativo sabia o que queria: tinha que sair daqui. Era o correto. Para isso existe o Poder Legislativo. O anteprojeto dos notáveis foi importante, porque, como lhe disse, ninguém sabia o que tinha que fazer. Todo mundo foi aprendendo à medida que foi fazendo a sua parte. Então, houve um ponto de partida. Aquilo foi importante, mas foi importante também a consciência. Acho que muitas dificuldades, hoje, são por conta disso. Naquela época, o Legislativo sabia e se posicionava: “*É isso que eu quero e pronto*”. Era assim mesmo.

#### **20. A Câmara ontem e hoje**

A Câmara está muito diferente, para dizer o mínimo. Para mim, essa é uma questão de respeito. O Poder Legislativo era e sempre vai ser um Poder de vidraça. Mas, naquela época, apesar de ele ser vidraça, as pessoas que compunham isso aqui eram respeitadas.



## **21. A influência da Constituinte na vida profissional na Câmara**

Eu sempre falo que eu acho que fui muito abençoada na Câmara. Quando entrei, já fui para os melhores lugares e trabalhei com as melhores pessoas. Aprendi demais, aprendi muito. Tenho muito orgulho da minha trajetória na Comissão de Orçamento, mas não teria sido assim se não tivesse começado na Comissão de Economia e, principalmente, participado da Constituinte. Não teria, tenho certeza! Não teria dado conta daquele trabalho, de ter executado aquilo ali.

Aquela era uma Comissão em que você tinha que se impor, porque o mundo do orçamento é basicamente dos homens, e é muito fácil eles quererem engolir você. Sempre me impus: *“Não, seu lugar é aqui. Você é da Consultoria. Você é do Prodasen. Isso aqui é outra coisa. Isso aqui é a Comissão, e aqui eu que mando, não é você”*. Tinha segurança do que estava fazendo, e isso, tenho certeza, foi o trabalho na Constituinte que me deu. Ele me deu esse suporte, esse cabedal para eu conseguir me dar bem à frente da Comissão de Orçamento.

## **22. A memória da Constituinte**

Acho tão difícil falar da Constituinte. Acho bem difícil fazer isso. Foi muito bom, mas há muita coisa que eu não lembro. Claro que deve ter existido um detalhe aqui e outro ali, e lógico que houve situações engraçadas, dramáticas. Só que, a não ser que se junte todo mundo e alguém fale *“Ah, lembra...”*, não vou lembrar muita coisa. Mas foi muito bom.

## **FICHA TÉCNICA**

- 1 Data: 04/06/2018
2. Local: Sala 17, Anexo II, Piso Superior, Ala C, Coarq - Cedos
3. Duração: 51min
4. N° do arquivo: E013
5. Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Rildo José Cosson Mota
6. Entrevistador: Rildo José Cosson Mota
7. Equipe de vídeo: Teresa Cristina Barbosa Labarrère (produtora) Roberto Guery (cinegráfiata) e Roberto Bispo (assistente de cinegráfiata)
8. Fotografia: Michel Jesus / Acervo Câmara dos Deputados
9. Responsável pela transcrição: Detaq
10. Data da transcrição: 12/07/2018
11. Responsável pela edição de texto: Rildo José Cosson Mota